

# **A ambientalização dos conflitos sociais no Centro - Oeste brasileiro. Desenvolvimento rural, violência simbólica e a conservação da natureza.**

Lorena Cândido Fleury y Jalcione Almeida.

Cita:

Lorena Cândido Fleury y Jalcione Almeida (2009). *A ambientalização dos conflitos sociais no Centro - Oeste brasileiro. Desenvolvimento rural, violência simbólica e a conservação da natureza*. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/1102>

# ***A ambientalização*** **dos conflitos sociais** **no Centro-Oeste brasileiro** **Desenvolvimento rural, violência simbólica** **e a conservação da natureza.**

## ***Lorena Cândido Fleury***

*Programa de Pós-Graduação em Sociologia*  
*da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*  
*PPGS/UFRGS – Brasil.*  
*lorena.fleury@ufrgs.br*

## ***Jalcione Almeida***

*Programa de Pós-Graduação em Sociologia*  
*da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*  
*PPGS/UFRGS*  
*e Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural*  
*PGDR/UFRGS – Brasil.*  
*jal@ufrgs.br*

## **Introdução**

O uso e apropriação do espaço cultural e biogeograficamente localizado no Centro-Oeste brasileiro tem sido historicamente fonte de conflitos sobre os sentidos e vocações de seus elementos naturais. Assim é que, em pouco mais de 50 anos, no período de 1940 a 1990, esta região passou no imaginário nacional de “sustentáculo de territórios indígenas” a “vazio demográfico”, de “terras improdutivas” a “grande celeiro do país”.

Contemporaneamente, devido aos impactos sobre o meio natural decorrentes do sistema agrário voltado para a produção de commodities, consorciados à relevância atual da questão ambiental, novos agentes sociais – tais como organizações não-governamentais de cunho ambientalista, órgãos de governo voltados para o meio ambiente e instituições de pesquisa – têm reclamado participação no processo de ocupação deste espaço, dando origem a novos conflitos, agora entendidos como ambientais, que atualizam a disputa pela determinação da forma de seu uso e apropriação.

Ilustrativo desse contexto é o embate entre os imigrantes provenientes da região Sul do país, localmente conhecidos como "gaúchos" e cuja ocupação do Centro-Oeste foi promovida por programas de governo voltados à tecnificação da agricultura que os consideraram como os agentes do desenvolvimento desejável para a região, e "goianos", "mato-grossenses" e "sul-mato-grossenses", nascidos nos estados que compõem o Centro-Oeste e aliados do processo de desenvolvimento conduzido pelo governo por serem considerados inaptos ao modelo a ser implantado. Desde a chegada desses imigrantes até os dias atuais, foram sendo construídos posturas, perfis e sentidos atribuídos ao "ser gaúcho" e, em oposição, outros comportamentos, características e valores foram sendo associados à população local e identificados como um perfil dos agentes nascidos no Centro-Oeste, de forma com que a contraposição entre estes dois perfis se faz sentir, ora de forma velada, ora explícita, sugerindo ser este um aspecto balizador na configuração das identidades sociais e, em decorrência, dos conflitos entre as demandas, lógicas e expectativas dos agentes.

Tendo em vista esse contexto, e tomando por base empírica pesquisa de campo na qual foram entrevistados 51 agentes atuantes no entorno de uma unidade de conservação ambiental, o Parque Nacional das Emas, situado entre os municípios Mineiros, Chapadão do Céu e Serranópolis, em Goiás, Costa Rica, em Mato Grosso do Sul, e Alto Taquari, em Mato Grosso, neste artigo pretende-se, portanto, discutir a configuração do perfil de gaúchos e goianos<sup>i</sup> no Centro-Oeste, com seus embates e acomodações historicamente

---

<sup>i</sup> Os termos *gaúchos* e *goianos* são utilizados aqui não necessariamente como uma definição precisa dos estados de procedência dos agentes, mas como emblemas de sua situação social. Em todo Centro-Oeste costuma-se fazer

construídos, e os reajustes contemporâneos associados à incorporação da “questão ambiental” às dinâmicas locais.

### ***Gaúchos vs. Goianos: um embate silencioso***

As características atribuídas àqueles a quem se convencionou chamar de gaúchos geralmente vincula-os à noção de trabalho e de tecnologia. As histórias destes imigrantes são narradas constantemente ressaltando-se a capacidade que estes tiveram de abandonar uma situação desfavorável nos estados do Sul do Brasil e, a partir do *nada*, construir o patrimônio que exibem hoje:

Faltou espaço mesmo lá no Sul, era família grande, não conseguia viver mais sobre a terra, eram nove irmãos. Aí apareceu esse assentamento, meu pai e o irmão dele resolveram encarar, foram pra lá, *não tinha nem cidade nem nada*, foram um dos três primeiros moradores da região de Água Boa. E aí começaram do nada, queimou a mudança toda na estrada, nem móvel eles não tinham pra ficar, quando chegaram... Dá pra escrever um livro. (produtor rural, gaúcho, Mineiros, grifos dos autores).

Neste trecho, dois aspectos principais chamam atenção. Em primeiro lugar, percebe-se que o bioma característico do Centro-Oeste, o Cerrado, aparece frequentemente como um *deserto*, um *vazio*, um lugar em que não havia *nada*. Em suma, um lugar onde não eram encontrados os objetos de referência, se apresentando como a própria não-familiaridade, aquilo que fugia ao até então conhecido. Acrescenta-se ainda a imagem de que estes gaúchos foram “chamados ao Cerrado” porque este ainda era um “lugar a se fazer”, como propagavam as políticas públicas de incentivo à sua colonização, mais

---

referência aos imigrantes provenientes dos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e até mesmo São Paulo genericamente como *gaúchos*, independentemente do estado em que nasceram. Esses imigrantes, em sua maioria, se estabilizaram no Centro-Oeste como produtores de grãos. Quanto aos agentes nascidos no Centro-Oeste, localmente faz-se referência de forma distinta entre goianos, mato-grossenses e sul-mato-grossenses. Contudo, considerando-se que três dos cinco municípios incluídos nessa pesquisa se situam no estado de Goiás, e que entre os agentes pertencentes a estes três estados há uma identificação cultural e de sistemas produtivos – geralmente a pecuária extensiva – opta-se nessa pesquisa por reuni-los genericamente no termo *goianos*, fazendo-se a ressalva de que esta é uma decisão dos pesquisadores e que, em determinados contextos, poderá incluir também sujeitos provenientes dos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

consistente se torna a idéia do que até então existia como um deserto, um vazio. Nesse contexto, parece explícita a incoerência reclamada por muitos quando hoje se demanda, desses mesmos gaúchos, que se conserve o Cerrado, que se conserve o que eles acostumaram a representar como não sendo nada, a não ser algo a ser substituído.

Ainda, nota-se também que o sofrimento pelo qual passaram ao chegar ao desconhecido é recordado por todos, mesmo por aqueles que não vivenciaram esta época, sendo permeado por oposições entre o Sul – onde tinha *tudo* – e o Centro-Oeste, ainda a se fazer. As adversidades impostas pelo Cerrado, pela falta de infra-estrutura, pela ausência do familiar são sempre repetidas, e a capacidade de superá-las se torna um mérito coletivo atribuído aos gaúchos. Braun (1999), ao estudar as representações do ambiente em comunidades de imigrantes alemães no Rio Grande do Sul, observou um discurso bastante semelhante, e comentou:

[...] o que foi narrado – rememorando um passado sofrido e também glorioso – era o que poderia ser dito e o que interessava dizer. Posso compreender, pois, que descrever a mata nativa como um lugar inóspito e inapropriado para os imigrantes recém-chegados, constituiu-se em uma compreensão instituída em um regime de verdade, aceito como discurso verdadeiro. (BRAUN, 1999, p.71).

Assim, a mata nativa do Rio Grande do Sul parece estar para os imigrantes alemães como o Cerrado está para os imigrantes gaúchos: o ambiente como símbolo da ruptura com o familiar e contato com o desconhecido. Essa ruptura teve que ser enfrentada devido às impossibilidades de permanência em seus locais de origem, e não é coincidência a concordância entre os relatos apreendidos por Braun (1999) e as narrativas dos gaúchos no Centro-Oeste. De fato, ambos os casos se referem a uma mesma dinâmica, correntemente incorporada por herança familiar na trajetória dos agentes, como demonstra o ilustrativo relato:

[...] meu avô veio de Portugal, em 1912 ele veio para cá, com quatro anos de idade. Então a família toda de lá, já com tradição de agricultura, e foram parar ali no estado de São Paulo. Em São Paulo migraram duas vezes e vieram trabalhar em propriedades como trabalhadores rurais. E com o

desenvolvimento lá no Paraná, como seriam agora essas novas fronteiras, a nova fronteira era o Paraná, então eles foram para o norte do Paraná. E lá conseguiram adquirir terras, porque era mais barato, né? Então a gente já vem de uma tradição. Alto Taquari, que hoje está estável, tá me tocando daqui, eu já adquiri uma terra lá no Piauí. E tô indo formar lavoura lá, tirando Cerrado e plantando lavoura. Porque aqui não tem mais espaço para mim. E estou saindo de 500 hectares para 2000 hectares. Aí eu vou vender capital que adquiri aqui, empregar lá, e formar uma região novamente de agricultura, como foi formada aqui. Esse processo, por isso que eu iniciei lá no meu vô, começou em Portugal. Lá em Portugal aconteceu isso, nós fomos arrastados para cá, São Paulo expulsou a gente para o Paraná, Paraná nos expulsou para Mato Grosso, do Mato Grosso eu tô indo para o Piauí. Isso aí eu tô te falando meu exemplo, que serve para a grande maioria. (produtor rural, gaúcho, Alto Taquari).

Essa relação de transformação do ambiente natural via agricultura, e a lógica de colonização, que estimula que se esteja sempre em partida, em busca de um local onde se encontre melhores condições para prosperar, são interpretadas também como traços marcantes da “cultura do gaúcho”, que se contrapõem à forma de se relacionar com o ambiente identificada com os goianos:

[...] eles são *nômades*, então parece que eles já têm uma cultura, da Europa, *os gaúchos são assim mesmo*, então o desenvolvimento tecnológico deles, a educação, a forma de lidar com as coisas, então são tudo descendente de europeu, então eles já vêm com esse espírito econômico muito forte, então isso pra eles é o essencial. Então é como eles chegaram no sul, sobem pra cá, porque as pessoas aqui são mais tímidas, então não tem esse crescimento, esse avanço grande, tecnologicamente, essa ambição, as pessoas são muito, vamos dizer assim, recatadas, ou muito...simples, não têm essa visão empresarial que eles têm. (agente de pesquisa e defesa do meio ambiente, goiano, Mineiros, grifos dos autores).

A incorporação dessa dinâmica de migração, associada à busca pela prosperidade – que na agricultura é por vezes dependente da produtividade – favorece o apreço pelo que é novo, manifestado freqüentemente na valorização do *futuro*, da *tecnologia*, e da *evolução*. Esses

elementos se tornam também emblemas desses imigrantes, que na maioria dos casos partiram porque seus locais de origem não os comportavam mais, se tornando essencial desapegar-se do passado de sofrimento e acreditar num futuro melhor, mais próspero.

É justamente a esses sonhos que falam os anúncios de tecnologia agrícola. Um dos exemplos emblemáticos é um calendário, coletado durante a pesquisa de campo, que a cada mês traz provérbios enaltecendo a esperança no futuro, sendo um deles “*Cure o passado, viva o presente, sonhe o futuro*” (ver FIG.01, grifo dos autores).

FIGURA 01 – Veículos publicitários de empresas que oferecem serviços de tecnologia agrícola. Destaque para a presença de idéias-chave, como *cure o passado, futuro e evolução*.

E a cura desse passado, no caso dos gaúchos, se dá pelo trabalho, que se transforma tanto em um valor e um *ethos*, no sentido de um conjunto de princípios interiorizados que guia suas condutas, quanto em um ícone destes gaúchos em relação aos outros grupos. Em contrapartida, a representação sobre os goianos, construída como o reverso da representação dos gaúchos, os assimila a um povo preguiçoso e acomodado.

Assim, enquanto o discurso dos gaúchos é recheado por elogios ao trabalho, ainda que penoso, como “[...] porque o ser humano eu acho que o trabalho é que dignifica ele. O trabalho, o desafio, as dificuldades...” (produtor rural, gaúcho, Mineiros) e “[...] o sofrimento que eu tive eu não desejo a ninguém. Mas eu não dispenso trabalho. Tem que sofrer pra dar valor à vida.” (produtor rural, gaúcho, Mineiros), quando a referência é feita aos goianos é destacada uma indolência que estes apresentariam:

Os goianos não trabalham de *preguiça, goiano não gosta de trabalhar não*. Igual, eu falo assim, você vai na fazenda de um gaúcho, e vai na fazenda de um goiano. Eu tenho um tio que é gaúcho. A fazenda do povo daqui é uma lambança, Deus me perdoe. Na fazenda do meu tio, ele lavava as máquinas, o quadro de ferramentas dele, tudo limpinho, impecável, organizado por tamanho, por série, por tudo. Você vê, a fazenda desses gaúchos, a organização, é muito organizada, até nos mínimos detalhes. *Até por isso que não tem tanta mistura assim*. (representante do poder público, goiana, Mineiros, grifos dos autores).

[...] eles são um povo trabalhador e muito doido, eles chegaram não tinha nada. *Pelos goianos, viviam de mandioca e peixe*. Outro dia anunciaram um cargo numa fábrica, tinha 100 vagas, porque demitiram os goianos, porque não gostam de trabalhar puxado não. É o ritmo de trabalho deles, não agüentam trabalhar durante a noite, eles acham que tá explorando. E os funcionários que os gaúchos têm, eles mantêm por muitos anos. Porque eles trabalham igual uns loucos e querem que você trabalhe também. (representante do poder público, paulista, Mineiros, grifos dos autores).

Essa configuração da imagem do gaúcho fundamentada nos valores de *trabalho e dinamismo*, em oposição à *preguiça e estagnação* do goiano, por vezes se aproxima do que Max Weber analisa em seu estudo *A ética protestante e o "espírito" do capitalismo* (WEBER, 2004). Ao discutir “a emergência de um modo de ver” que inverte a ordem até então tida como “natural”, ao colocar “o ser humano em função do ganho como finalidade da vida, não mais o ganho em função do ser humano como meio destinado a satisfazer as suas necessidades materiais”, Weber aponta elementos constitutivos daquilo que considera o “tipo ideal” do empresário capitalista, e as implicações do enfrentamento dessa ordem com a anterior, pré-capitalista.

No contexto do Centro-Oeste, os gaúchos imigrantes foram eleitos como os agentes do desenvolvimento desejado para a região, desenvolvimento este de cunho capitalista: a agricultura a ser implantada, atendendo aos princípios da Revolução Verde, deveria ser uma agricultura capaz de corresponder aos objetivos urbano-industriais de desenvolvimento via adoção do pacote tecnológico. Portanto, os gaúchos selecionados para este fim foram aqueles que atendiam e se identificavam com o perfil deste “tipo ideal” analisado por Weber.

Os atributos-chave desse perfil são a contínua motivação pela prosperidade, “que jamais lhes permite satisfazerem com o que têm”, a ausência de preocupações com uma aparência refinada ou despesas inúteis, comportando “quase sempre certo lance ascético”, e um “racionalismo econômico” que tem como expressão principal o aumento da “produtividade do trabalho que, pela estruturação do processo produtivo a partir de pontos de vista *científicos*, visa eliminar sua dependência dos limites ‘fisiológicos’ impostos

pela natureza” (WEBER, 2004, p.63-7, grifo no original). Todos estes aspectos podem ser observados no que se poderia chamar de “tipo ideal” de produtor rural gaúcho no Centro-Oeste, e, portanto, também no entorno do PNE, sendo inclusive esses elementos enunciados nas entrevistas.

É, portanto, associado a essa simbologia de povo trabalhador, dinâmico, que não mede esforços para atingir a prosperidade, que os gaúchos se estabelecem no Centro-Oeste. À população local, identificada com hábitos distintos daqueles então valorizados, coube o papel de um anfitrião prestativo: enquanto o “povo gaúcho” é *trabalhador*, o “povo goiano” é apresentado como *hospitaleiro*.

Olha, a gente sempre procurou respeitar, né? O povo aqui é bastante respeitador, quando você também não pisa no calo deles. Porque eles aqui têm uma tradição, *tradição, não, têm um sistema, tradição é o gaúcho que tem uma tradição, né, mas, eles são hospitaleiros aqui.* (produtor rural, gaúcho, Mineiros, grifos dos autores).

Gaúcho e goiano combina demais! É o que eu falo, o povo goiano é muito bom de lidar com ele. É um povo amigo demais da conta, é um povo que convive muito bem uns com os outros, povo muito *servidor*, povo bom mesmo. E gaúcho, povo gaúcho é muito *trabalhador*, é um povo também bom de lidar, eu, pelo menos, pelo que eu conheço, é um povo muito bom de lidar, então todo lugar que a gente vai, pode ter as famílias Carrijo, Rezende, mas você sempre vai encontrar um gaúcho no meio. E que se dá bem com todo mundo; claro, se encontrar um punhado de gaúcho eles vão conversar, vão bater-papo, relembrar a história deles, que é muito diferente da nossa, mas isso faz parte também, né? Tanto é que tem um CTG [*Centro de Tradições Gaúchas*] aí, mas é uma coisa bonita, então, tem que... E é muito bom, é uma convivência muito boa sim, é um povo que veio pra cá e *nós nunca rejeitamos eles, que a gente sabe, a gente precisa, que eles nos ensinou a agricultura*, e a pecuária também a gente tá aprendendo muito, mas a agricultura eles dão de dez, né? *É um povo pioneiro, muito inteligente, trabalhador*, né? Tem, sempre tem aqueles que veio, como diz nós aqui, “dar o nó”, né, mas todo mundo tem isso aí, todo lugar tem. Mas é bom. Dá certo, se entende, numa boa conversa vai bem. (produtor rural, goiano, Mineiros, grifos dos autores).

Nota-se, portanto, que essa “complementaridade de papéis” é assimilada por todos, gaúchos e goianos, possivelmente muito em função do peso da imagem de desenvolvimento, à qual pouco se contesta. Assim, devido ao contexto histórico que os trouxe ao Centro-Oeste imbuídos da capacidade de trazerem consigo o desenvolvimento, pode-se sugerir que foi designado aos gaúchos um *poder simbólico*, nos moldes do que discute Bourdieu (2004, p. 07), sendo este o “poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem.”.

Este poder simbólico, de acordo com Bourdieu (2004, p. 07-14), é um poder de construção da realidade e tende a estabelecer uma ordem gnosiológica, isto é, de *conhecimento do sentido imediato do mundo*, a partir de uma concepção homogênea do tempo, do espaço, e particularmente do mundo social. Para que seja exercido, depende do compartilhamento de *sistemas simbólicos* que atuam como instrumentos de comunicação entre os grupos e que, enquanto tal, cumprem a “sua posição política de instrumentos de imposição ou de legitimação de uma dominação”. Assim, contribuem para assegurar a dominação de um grupo ou classe sobre outro, configurando, nas palavras de Bourdieu (2004, p. 11), um processo de *violência simbólica*.

Transposto ao contexto do entorno do PNE, pode-se inferir que o processo de dominação legitimado através do compartilhamento de um sistema simbólico é a priorização do modo de “apropriação gaúcha” do ambiente sobre o modo de apropriação local, de forma que o primeiro passa a ser enxergado como positivo e sinônimo de desenvolvimento, enquanto o segundo é, quase que de forma consensual, representado pejorativamente, como nos trechos:

Ah, com a chegada dos gaúchos houve uma mudança muito grande. Muito profunda. Mesmo cultural. *Porque a cultura antiga ainda era muito arcaica. Obsoleta mesmo, ultrapassada.* Aí com isso aí veio renovando, eu acho que desenvolveu muito. (produtor rural, goiano, Serranópolis, grifos dos autores).

Começou a vir os gaúchos e começaram a nos ensinar, *porque realmente foi eles que nos ensinou a trabalhar*, né? E hoje você vê a diferença da agricultura hoje, medonha, o tanto que produz, a tecnologia que existe, mudou muito, né? Só

que nessas coisas boas eu não entrei ainda, né? Quem sabe, mas eu ainda... Mas foi uma mudança e tanto, *revolucionou muito, graças a Deus, né?* (produtor rural, goiano, Mineiros, grifos dos autores).

Tais trechos condizem com o que aponta Bourdieu (2004, p.14) ao afirmar que o poder simbólico como “poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo, e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto, o mundo” só se exerce se for reconhecido, se definindo em uma relação determinada – e por meio desta – entre os que exercem o poder e os que lhe são sujeitos. Nesse sentido, a violência simbólica a que se refere impõe uma coerção que se institui por intermédio do reconhecimento extorquido que o dominado não pode deixar de conceber ao dominante na medida em que não dispõe, para o pensar e para *se pensar*, senão de instrumentos de conhecimento que tem em comum com ele e que não são senão a forma incorporada da relação de dominação. Sobre isso, esclarece:

Todo poder comporta uma dimensão simbólica: ele deve obter dos dominados uma forma de adesão que não repousa sobre a decisão deliberada de uma consciência esclarecida, mas sobre a submissão imediata e pré-reflexiva de corpos socializados. Os dominados aplicam a todas as coisas do mundo, e, em particular, às relações de poder nas quais estão enredados, às pessoas através das quais essas relações se realizam, portanto também a si mesmos, esquemas de pensamento impensados, os quais – sendo o produto da incorporação dessas relações de poder sob a forma transformada de um conjunto de pares de oposição (alto/baixo, grande/pequeno, etc.) funcionando como categorias de percepção – constroem essas relações de poder do ponto de vista próprio daqueles que aí afirmam a sua dominação, fazendo-as parecer como naturais. Assim, por exemplo, cada vez que um dominado emprega para se julgar uma das categorias constitutivas da taxonomia dominante (por exemplo, brilhante/esforçado, distinto/vulgar, único/comum), ele aplica a si mesmo, sem o saber, o ponto de vista dominante, adotando, de algum modo, para se avaliar, a lógica do preconceito desfavorável. (Bourdieu, 1995, p. 142).

Tal análise parece se aplicar de forma bastante apropriada à incorporação, pelos próprios goianos, das oposições entre trabalhador/preguiçoso, pioneiro/hospitaleiro, e, também perpassando essas classificações, moderno/atrasado, ao se compararem aos gaúchos, atribuindo aos imigrantes sempre os polos considerados positivos das associações. No entanto, a assimilação do discurso dominante não exclui a presença de conflitos, apenas tornando-os mais velados. De fato, o goiano, como ícone do tradicionalismo entendido como “o ser humano que não quer ‘por natureza’ ganhar dinheiro e sempre mais dinheiro, mas simplesmente viver, viver do modo como está habituado a viver e ganhar o necessário para tanto” (WEBER, 2004, p.53), pode em certas circunstâncias se tornar um ponto de embate e resistência ante a expansão da lógica da agricultura tecnificada.

Então eles vêm com os valores deles, querem mudar, transformar todo o contexto local, então hoje eu sinto que ainda existe um conflito de ideais, onde, a população local contra as pessoas que vêm do sul, os gaúchos. Porque, vira e mexe você ouve falar, “ah, os gaúchos, esse pessoal”, então tem um certo... É recíproco isso, tanto os gaúchos chamam o pessoal daqui de preguiçoso, que não quer fazer nada, quanto os daqui falam que esse pessoal faz tudo pra plantar soja, querem crescimento a qualquer custo, então não tem, os valores são outros. Tem o embate, e é natural. É que nem você tá na sua casa e chega alguém querendo que você mude o seu ritmo de vida, sua forma de pensar, sua cultura. (agente de pesquisa e defesa do meio ambiente, goiano, Mineiros).

Nota-se ainda que essa resistência, continuamente manifestada mesmo que muitas vezes de forma silenciosa, contemporaneamente tem adquirido novos contornos, revestidos de proteção ambiental:

[...] isso é um estilo que... literalmente é uma coisa que, “ah, a gente tá desenvolvendo, crescendo a região”, coisa nenhuma! Eu acho que não, isso não existe. Está desenvolvendo o lado pessoal deles. Os valores são outros. *Se você acha melhor plantar soja, eu acho melhor entrar no mato e catar pequi!* [...] é um atropelo, e o atropelo gera um monte de problemas, sociais e ambientais.

(agente de pesquisa e defesa do meio ambiente, goiano, Mineiros, grifos dos autores).

[...] antes Chapadão do Céu era mais um redutozinho do pessoal do sul, com alguns goianos que iam para trabalhar para eles. Agora... a agricultura está ali, não tem como sair dali, e talvez não seja desejável agora que ela saia dali, então tem que conviver com isso, então, que se conviva bem com a produção, mas respeitando a conservação, inclusive respeitando as leis da conservação, então isso inclui a área de amortecimento no entorno do parque, área de reserva legal, etc. (agente de pesquisa e defesa do meio ambiente, goiano, Belo Horizonte).

Percebe-se, portanto, que a disputa pela apropriação técnica, cultural e social do ambiente associa-se à relevância do vínculo afetivo com o Cerrado – característica dos goianos como um dos elementos centrais na representação favorável à conservação (FLEURY, 2008) –, de forma que a conservação ambiental do Cerrado adquire mais uma função: a de imposição de limites e demarcação de diferenças à “apropriação gaúcha” do Centro-Oeste, que se dá mediante a agricultura tecnificada. Esta associação reforça a polarização agricultura/conservação no entorno do PNE, que explicita-se na deflagração de conflitos ambientais que avançam à esfera jurídica e disputas em torno das normas instituídas no Plano de Manejo da unidade de conservação

### **O processo de ambientalização dos conflitos sociais**

A partir do exposto sobre o embate entre gaúchos e goianos no Centro-Oeste, percebe-se que no entorno do PNE a apropriação do ambiente e a definição de seus usos e vocações se constituem em elementos de conflito entre grupos sociais desde antes da proeminência do meio ambiente como um assunto de controvérsia pública. No entanto, a partir do momento em que a conservação ambiental recebe destaque e passa a ser assumida por determinados grupos como prioridade, tais embates assumem novos contornos, agora explicitamente ambientais, reconfigurando o contexto conflitivo. Recentemente, uma clara demonstração deste processo tem sido o litígio em torno da proposta de implementação de uma Zona de Amortecimento, que restringiria o uso do solo em uma faixa de 2 a 10 km contígua ao Parque. Essa medida tem sido rechaçada pelos produtores rurais do entorno,

que consideram que, caso adotada, tornaria inviável a manutenção da prática agrícola em suas propriedades. A partir desse impasse, iniciou-se um longo e conflituoso processo de discussão, transcendendo os limites entre o Parque e as propriedades rurais para mobilizar os escritórios centrais do Ibama em Brasília e as esferas judiciais.

Percebe-se, nesse caso, uma configuração conflitiva próxima daquilo que Leite Lopes (2006) designa como *ambientalização dos conflitos sociais*. O termo “ambientalização” é explicado como um neologismo semelhante a alguns outros usados nas ciências sociais para designar novos fenômenos ou novas percepções de fenômenos vistos da perspectiva de um processo, como “industrialização” ou “proletarização”.

O sufixo comum a esses termos indicaria um processo histórico de construção de novos fenômenos, associado a um processo de interiorização pelas pessoas e pelos grupos sociais – e, segundo o autor, no caso da “ambientalização”, dar-se-ia uma interiorização das diferentes facetas da questão pública do “meio ambiente”. Essa incorporação e essa naturalização de uma nova questão pública poderiam ser notadas pela transformação na forma e na linguagem de conflitos sociais e na sua institucionalização parcial (LOPES, 2006, p.35), tal como percebido no contexto do entorno do PNE.

Como conclusão, a análise sugere que o despontamento da questão ambiental como vivência coletiva no meio rural no Centro-Oeste brasileiro resulta em uma reconfiguração das dinâmicas locais, no sentido de redistribuir forças e poderes na disputa pela apropriação técnica, cultural e social do ambiente. Dessa forma, o conflito ambiental atualmente observado pode ser entendido como uma atualização das disputas pela apropriação técnica, cultural e social do meio, manifestada já há várias décadas no embate entre *gaúchos* e *goianos*, e atualmente explicitada a partir do litígio acerca da Zona de Amortecimento no entorno do Parque. Entende-se, portanto, que o litígio acerca da Zona de Amortecimento é uma disputa material e simbólica pela valorização de uma forma de ver, entender e se apropriar do espaço comum. Sendo assim, configura uma disputa por sentidos culturais, pautada não apenas pelos interesses objetivos, mas também pelos significados que os distintos grupos sociais projetam para o entorno do PNE e para a construção comum do mundo ao seu redor.

## Referências

- BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. **Educação & Realidade**. 20 (2):133-184. jul./dez. 1995.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 7ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. 322 p
- BRAUN, Maria Cecília. **Do vale das matas nativas ao vale do progresso**. Um estudo sobre as representações de ambiente em comunidades de imigrantes alemães. (Dissertação). Faculdade de educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999. 202 f
- WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.336 p.
- FLEURY, Lorena Cândido. **Cerrado para ser o quê?** Representações sociais e conflitos ambientais em torno do Parque Nacional das Emas, Goiás. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural. Porto Alegre, 2008. 210 f.
- LOPES, José Sérgio Leite. Sobre processos de “ambientalização” dos conflitos e sobre dilemas da participação. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 12, n. 25, p. 31-64, jan./jun. 2006.
-